O QUE NOS RESERVA A VIDA EM SOCIEDADE QUANDO NOS TORNAMOS ADULTOS? REPRESENTATIVIDADES E SIGNIFICADOS DO TORNAR-SE ADULTO

Caroline Oliveira de Souza[1]

Luana Michele Vilas Boas[2]

RESUMO

O texto aborda a mudança nos marcos que definem a transição para a vida adulta, que não se limitam mais a sair de casa, se casar e entrar no mercado de trabalho. A "adultez emergente" de Jeffrey Arnett é apresentada como uma nova perspectiva para entender essa mudança e os possíveis fatores que contribuem para que ela ocorra. O estudo é realizado por meio de uma abordagem qualitativa e tem como objetivo contribuir para a compreensão da temática no contexto brasileiro. Este artigo utiliza o método de revisão bibliográfica, a partir de articulações de autores que falam sobre desenvolvimento humano, para compreender as transformações ocorridas na vida adulta e as fragilidades nesse período, incluindo questões psicossociais e interpessoais. São discutidas as relações interpessoais e sua importância para a entrada na vida adulta, bem como a alta incidência de suicídio relacionada a essas fragilidades e experiências vividas.
Palavras-chave: adultez emergente, Desenvolvimento, Relações Interpessoais.

ABSTRACT

The text addresses the change in the milestones that define the transition to adulthood, which are no longer limited to leaving home, getting married and entering the job market. Jeffrey Arnett's "Emerging Adulthood" is presented as a new perspective for understanding this change and the possible factors that contribute to its occurrence. The study is carried out through a qualitative approach and aims to contribute to the understanding of the theme in the Brazilian context. This article uses the bibliographic review method, based on articulations of authors who talk about human development to understand the transformations that occurred in adult life and the weaknesses in this period, including psychosocial and interpersonal issues. Interpersonal relationships and their importance for entering adulthood are discussed, as well as the high incidence of suicide related to these weaknesses and experiences.
Keywords: Emerging Adulthood, Development, Interpersonal Relations.

1. INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, ser adulto tinha um significado diferente de hoje; ser chamado de “adulto” significava simplesmente ser aquele que cumpria com as obrigações sociais impostas pelo núcleo familiar, como trabalhar, ajudar a casa no sustento ou se casar e, antes deste momento, a pessoa era o que chamamos adolescente. Com o passar dos anos, o termo “adolescência” foi sendo mais utilizado, por ser exatamente um momento de transição entre a infância e a vida adulta, que não significa mais necessariamente passar pelos momentos citados

1Graduada em Psicologia pela FCSMA

2Doutora em Psicologia Social-UERJ, Psicóloga Clínica e Professora do ensino superior. luanavilasboas@yahoo.com.br

acima, o que torna mais difícil obter, com certeza, um marco que determine quando o ser humano se torna adulto e quais requisitos ou características demarcam esse ciclo de vida e consequentemente quais as maiores fragilidades que envolvem esta etapa de vida.

Com o aumento dos suicídios entre os jovens adultos entre 15 e 29 anos de idade, podemos questionar por que essa incidência se mostra tão alta nessa idade que "deveria" comumente ser tratada como uma fase de crescimento profissional, de encontros, de descoberta de si e do mundo, e quais os motivos que podem levar um adulto ao ato de suicídio. Essas são questões que chamam atenção para um problema maior, que pode estar correlacionado com os desafios deste período, o que leva à pergunta norteadora desta pesquisa: quais são as representações do ser adulto na sociedade contemporânea e quais os marcadores que o definem?

Este estudo tem como principal objetivo descrever e analisar as representações de ser adulto na sociedade contemporânea e os marcadores que a definem; buscar compreender como se dá o desenvolvimento físico, psíquico e cognitivo de ser adulto e entender que formas de vida e expectativa poderiam ser formuladas a partir destes pensamentos.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem natureza bibliográfica e foi realizada por meios eletrônicos, utilizando-se de artigos, teses e dissertações de bases de dados acadêmicas como SciELO, Google Acadêmico e BVS-Psi, além de outras fontes como o IBGE e a OMS. As principais palavras-chave utilizadas foram "Adultez Emergente", "Suicídio" e "vida adulta". A segunda combinação de palavras-chave foi "Suicídio" and "vida adulta". Foram utilizados livros de autores como Dutra-Thomé, Lythcott-Haims, Frankl, Papalia e Dalgalarrondo. A pesquisa foi feita por meio de abordagem qualitativa e análise crítica para considerar a complexidade da temática.

3. O ADULTO NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO

A psicologia do desenvolvimento busca compreender como ocorre o processo de desenvolvimento humano, abrangendo aspectos cognitivos, físico, psicológico, biológico, e social, trazendo grandes contribuições tanto para a psicologia, quanto para outros campos de saber e de práticas profissionais.

Segundo Papalia e Feldman (2013), são diversos os fatores que influenciam no processo de se tornar adulto; esses possíveis marcadores podem se definir tanto por comportamentos

sociais, como casar-se, entrar na faculdade ou sair de casa, como por marcadores físicos do corpo humano que ocorrem desde o período da infância e da adolescência, passando pela transição da vida adulta.

As autoras trazem alguns apontamentos de fatores comportamentais que afetam o desenvolvimento desse ciclo de vida, como o desenvolvimento físico (dieta e nutrição, genética, atividades físicas, qualidade do sono e abuso de substâncias); o cognitivo, com a citação de diferentes estudos sobre as transformações que ocorrem nessa fase; e também o desenvolvimento psicossocial, questionando o meio social em que vivem, a sua autopercepção e a forma de se relacionar com o mundo, afetando diretamente seu desenvolvimento.

O desenvolvimento físico também é de grande importância no processo de desenvolvimento humano, podendo influenciar significativamente o modo de vida. Caso o desenvolvimento físico não seja adequado, pode haver somatização de doenças e aumento da mortalidade entre jovens adultos. De acordo com o Atlas das Juventudes (2021), estima-se que existam 50 milhões de jovens entre 15 e 29 anos no Brasil, correspondendo a cerca de um quarto da população brasileira. No entanto, o mesmo estudo aponta que este cenário pode mudar drasticamente, como em estudo da mesma revista, que aponta que até 2060 haverá uma diminuição de 95% em projeções populacionais jovens no mundo, podendo a população jovem chegar até a metade da quantidade existente nos dias atuais.

De acordo com as estatísticas, não só o Brasil como o mundo sofrerá com esta redução populacional de jovens, o que torna ainda mais importante rever as questões que afetam este índice, como mortalidade, recursos, cultura, a fim de identificar quais mudanças são necessárias para tais resultados.

Herculano-Houzel (2013) realizou um estudo para embasar esta pesquisa, explicando que este processo de amadurecimento do cérebro humano ocorre de forma lenta e gradativa.

> De fato, um estudo que mediu por ressonância magnética um indicador da espessura dos axônios e da formação da mielina no cérebro de crianças e jovens de idades entre 8 e 18 anos, observou que esse indicador aumenta com a idade. E mais ainda: o aumento da mielinização no lobo frontal, responsável pelas habilidades cognitivas, acontece simultaneamente à melhora da memória de trabalho, e no lobo temporal, que abriga a capacidade de compreensão da linguagem, o aumento da mielinização com a idade acompanha a melhora da facilidade de leitura. [...] O córtex frontal, última grande divisão do cérebro a amadurecer em estrutura e função, é também a última a atingir o volume máximo de substância branca – aos 30 anos de idade, mais ou menos. Na verdade, é só em torno dessa idade que o volume total de substância cinzenta cortical parece se estabilizar no ser humano. Portanto, se a estrutura fosse adotada como critério, más notícias para quem quer ser

> tratado como gente grande ao atingir a maioridade: pronto, prontinho mesmo, seu cérebro só fica aos 30 – e olhe lá... (Herculano-Houzel, 2013, p. 45)

Seguindo estes critérios, seria compreensível que nesta fase de desenvolvimento fossem encontrados vários desafios na tomada de decisões importantes, como a escolha da profissão, a forma de se relacionar socialmente, o desenvolvimento de habilidades, ou o encontro de sua identidade, pois além de este já ser um processo que envolve diversos fatores variantes, o jovem adulto ainda possui limitações cognitivas; nesta perspectiva, ele vive um processo de desenvolvimento final ainda pertencente à adolescência, o que pode explicar o motivo de muitos dos desafios enfrentados nesta fase e que perduram no decorrer da vida adulta como as influencias comportamentais.

As influências comportamentais podem afetar diretamente o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional do adulto. "A associação entre comportamento e saúde ilustra as inter-relações entre aspectos físicos, cognitivos e emocionais do desenvolvimento. O que as pessoas sabem sobre saúde afeta o que elas fazem, e o que elas fazem afeta como elas se sentem" (Papalia; Feldman, 2013, p. 454). Estes fatores podem estar diretamente ligados ao processo de amadurecimento do cérebro, como mencionado por Herculano-Houzel (2013), que deve ser considerado neste momento de transição e início da vida adulta.rasileira. No entanto, o mesmo estudo aponta que este cenário pode mudar drasticamente. A teoria de adultez emergente, de Arnett, descreve o processo de desenvolvimento humano em oito estágios. O sexto estágio, descritocomo "Intimidade *versus* Isolamento", localizada entre os 21 e 40 anos de idade, quando o jovem adulto se encontra em um período de crise psicossocial e, após o desenvolvimento de uma personalidade, buscará sentido nas relações sociais, sejam amorosas ou familiares, estabelecendo vínculos afetivos duradouros. Caso esta personalidade individual não esteja amadurecida, haverá uma dificuldade de se relacionar no meio social de forma geral, ocasionando em problemas sociais de isolamento e evitamento (Veríssimo, 2002).

Para Erikson, é somente na chamada "adultez jovem" que se poderá esperar do indivíduo um senso de identidade mais seguro, pois na adolescência ocorrem relações pautadas na separação, por serem incompletas e inacabadas por um curto período, e por isso, somente na adultez jovem se experimentariam relacionamentos mais íntimos que podem moldar a forma como essas identidades surgem. Essa experiência também é fundamental para que se entendam as diferenças entre o que é próprio à sua identidade e o que é das outras pessoas, entendendo de certa forma o isolamento como uma vantagem deste período que pode tanto estabelecer o sentido de intimidade com as pessoas, como promover a individualização do mesmo,

conhecendo suas próprias particularidades (Magalhães, 2005).

Ainda segundo o autor, influenciam também os aspectos de gênero, como o homem, que teria as maiores preocupações de se estabelecer profissionalmentee percorrer uma carreira sólida, enquanto a mulher estaria buscando um amadurecimento emocional nas relações de intimidade, o que para os homens não seria uma preocupação central nesta etapa da vida. Isso pode ser motivado, como Jung (1981) argumenta, pelo senso comum da necessidade de o homem ter uma situação financeira mais estabelecida que a mulher; este pode ser considerado um pensamento retrógrado para a época em que vivemos, porque as mulheres possuem outras prioridades e desejos que não apenas essa busca por intimidade e por um lar, como aponta Borges (2013) ao considerar que hoje as mulheres veem o trabalho como realização pessoal, assim como as relações em que estabelecem no lar, considerando como forma de estar presente e ensidas em sociedade.

O Brasil é um país que possui várias formas de desenvolvimento inseridos em sua cultura e fatores socieconômicos; em especial nas classes média e baixa, não existe este suporte familiar, e grande parte dos jovens brasileiros possuem deficiências no acesso à educação e à cultura que afetam o incentivo para seu desenvolvimento.

A Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) faz algumas considerações sobre a situação atual do jovem brasileiro, ressaltando tanto benefícios dos jovens do século XXI, como dificuldades e fatores excludentes desta fase de desenvolvimento, bem como os recursos disponíveis para tal.

> Entendemos que a possibilidade de experimentação da condição juvenil está articulada a um número significativo de instituições sociais responsáveis por sua realização. Escola, Universidade, Igreja, família, mas também partidos, associações classistas, equipamentos e organizações culturais. Atualmente, novos elementos vêm se agregando às instituições mais tradicionais nos processos de socialização da juventude, e que vêm permitindo uma experimentação mais autônoma da condição juvenil, dentre estes os grupos de pares e as mídias eletrônicas, dentre outros (Brasil, 2014, p. 30).

Segundo a Lei n° 12.852, de 05 de agosto de 2013, são jovens as pessoas com 15 a 29 anos de idade. Esta lei está regida por alguns princípios, dentre os quais a “promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do país” e a “promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem”. Para pessoas de menor nível socioeconômico, isto nem sempre é a realidade, ainda que existam projetos governamentais para a consecução destes objetivos.

Sobre os fatores que influenciam na exclusão destes jovens, a SNJ menciona os recursos

para seu desenvolvimento que são direito de todo cidadão: “a dimensão econômica remete à distribuição injusta de recursos e aos acessos desiguais, a ausência de equidade na dimensão sociopolítica e a falta de acesso à cultura” (Brasil, 2014, p. 38).

Diante do exposto, entende-se que a questão desenvolvimental do jovem adulto está relacionada não apenas com a sua própria capacidade de amadurecimento e encontro de sua identidade, mas também com fatores externos que fogem ao seu controle, que muitas das vezes não são passíveis de mudança e afetam diretamente o processo de autoconhecimento, exploração de identidades e de possibilidades de vida, profissão e núcleo familiar, e a formação de opiniões. Estes, porém, podem não ser os únicos motivos pelos quais os jovens enfrentam dificuldades no seu processo de desenvolvimento, como as relações interpessoais que cria ao longo da vida, formando o meio social em que irá se inserir.

4. A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA VIDA ADULTA

No decorrer dos ciclos da vida, o ser humano vive diversas formas de relacionamento que compõem uma rede social em que irá se apoiar, se identificar ou se opor, e que irão ajudar a formar sua personalidade, suas crenças e até mesmo influenciar nas decisões que irá tomar no decorrer de sua vida. Essas relações poderão ser firmadas em relações familiares ou de cuidadores desde sua infância, amizades, relacionamentos amorosos, ambiente de trabalho e outros ambientes como grupos religiosos, festas, grupos políticos, grupos de música, escolas, vizinhança, entre outros.

Segundo revisão de literatura realizada por Sousa e Cerqueira-Santos (2011), o ser humano é um ser social por natureza, que desde os primórdios viveu em comunidade e em grupos de diversos tipos, buscando uma identidade no coletivo, o que fortaleceu e aumentou as chances de sobrevivência da espécie ao longo da história da existência humana, e por um olhar evolucionista, seria a capacidade humana de se relacionar tão complexa que isso nos difere dos animais.

Entende-se, desta forma, que cada indivíduo desenvolve ao longo da vida seus relacionamentos e cada grupo possui formas de se comportar no mundo e suas próprias regras; juntos, esses grupos formam conexões sociais que influenciam outros grupos de forma positiva ou negativa, trazendo impacto em discussões complexas nas sociedades, como leis e tabus sociais que vivenciam durante toda a história da existência da espécie.

Segundo Papalia e Feldman (2013), essas redes sociais causadas pelas interações do homem podem influenciar significativamente no bem-estar emocional, evitando estresse,

depressão e ansiedades, e no desenvolvimento físico; ao estabelecer conexões sociais saudáveis, o ser humano está mais propenso a manter uma boa alimentação, evitando diversas doenças e mesmo o uso e abuso de drogas que afetam fortemente a população jovem.

5. RELAÇÕES FAMILIARES NO PROCESSO DE TORNAR-SE ADULTO

Dentre as diversas formas de o ser humano se relacionar socialmente, o primeiro grupo com que irá se comunicar, aprender e compartilhar experiências será a família, que se pode compor com parentes de sangue ou por cuidadores afetivos que irão assumir a responsabilidade pela tutela do indivíduo. Segundo o dicionário Aurélio, a família seria um "grupo de pessoas que partilham ou que já partilharam a mesma casa, normalmente estas pessoas possuem relações entre si de parentesco, de ancestralidade ou de afetividade" (Ferreira, 1964). O grupo familiar é conhecido tradicionalmente pela composição de pais e filhos, porém a dinâmica de interações neste grupo mudou no decorrer do tempo, assim como a configuração dos seus membros (Paulo, 2006).

Segundo Ariès (1981), na Idade Média, a família possuía apenas função de conceber a vida, assegurar o sustento do grupo, dos bens e da moral, garantindo um nome para essa família, sem obter o estreitamento dos laços afetivos entre si, limitando a interação deste grupo; porém, com os avanços da educação e do fornecimento de aprendizado para as crianças, a forma de compreender a importância das relações familiares começou a mudar.

A partir das mudanças promovidas, principalmente pelo ensino, essas relações familiares passaram a promover a interação entre seus membros de forma mais afetiva, passando deste modo, com o passar do tempo, a estimular as mudanças do comportamento social diante das atuais formas de coabitação familiar existentes na contemporaneidade, que tomaram diferentes proporções da formação de um núcleo familiar. Como exemplo destas diferentes configurações familiares e culturais, está a existência de famílias nas tribos bantos na África onde vigora a poliginia, em que um mesmo homem desposa várias mulheres constituintes da mesma família e suas filhas, sustentando cada uma de suas choupanas; algumas sociedades do Tibete e do Nepal vivem sobre a poliandria, na qual vários maridos compartilham a mesma esposa; os *chukchees* siberianos têm a tradição de homens e/ou mulheres adultos desposarem de bebês de dois ou três anos até que se tornem maduros para assumir o papel conjugal, criando-os e dando o suporte para seu desenvolvimento (Paulo, 2006).

Sendo assim, observa-se que nas diferentes formas de configurações familiares existem também diferentes formas de culturas e de interações no grupo, tendo a família nas mais variadas culturas um papel crucial na formação e desenvolvimento do ser humano desde sua infância.

Ponciano e Féres-Carneiro (2014) ressaltam a importância destes vínculos parentais na transição da adolescência para a vida adulta, pois eles auxiliam no desenvolvimento em diversos âmbitos no decorrer deste ciclo de vida, em que terão que desenvolver habilidades, escolhas de vida e profissão; segundo as autoras, a habitação de jovens adultos em um ambiente familiar saudável influencia positivamente no seu desenvolvimento, pois fornecem o apoio emocional e muitas vezes financeiro para que estes possam experimentar diversas vivências que marcam esse período.

Desta forma, Mitchell reforça a ideia de que nas diversas formas de relações interpessoais podem existir formas infinitas de configurações e formas de relacionamento, assim como a família, que muda constantemente. Já nos tempos de hoje, por diversos motivos, o prolongamento da permanência dos adultos no ambiente familiar vem se tornando uma configuração familiar cada vez mais comum na sociedade, o que influencia também no desenvolvimento da autonomia destes jovens, originando o termo "geração canguru"2. Segundo Testoni (2021), o prolongamento da permanência na casa dos pais tem sido cada vez mais recorrente, podendo gerar submissão, impedindo o desenvolvimento de autonomia, responsabilidades e resiliência, pois na casa dos pais os jovens não precisariam se esforçar para tal, devido ao apoio existente no ambiente familiar.

Deste modo, Ponciano e Féres-Carneiro (2014) ressaltam a importância de haver um equilíbrio entre o apego seguro, a conexão familiar e o desenvolvimento da autonomia, para que estes jovens possam passar pela transição da fase adulta, desenvolvendo-se de forma saudável, o que irá marcar todo seu ciclo de vida.

6. RELAÇÕES DE AMIZADE E AMOROSAS

Segundo estudos sobre felicidade, os relacionamentos que mais influenciam este estado, são os familiares, os românticos, e de amizade; este último, ainda que não originário de um laço parental, gera um estado de felicidade no ser humano justamente por ser livre de eventuais conflitos existentes no meio familiar e por não ter nenhuma disposição inicial, possuindo um vínculo significativo no processo da adultez (Souza, 2006).

Segundo Sousa e Cerqueira-Santos (2012), a amizade se apresenta como uma relação

voluntária, pois compartilham-se sentimentos, características íntimas e interesses em comum, e estabelece-se um relacionamento de reciprocidade e companheirismo, em que ambos os lados da relação se beneficiam enquanto for do seu interesse. Os mesmos autores expõem estudos que mostram que as amizades ocupam a maior parte dos relacionamentos do ser humano ao longo de sua vida, entendendo-se como "amizade" qualquer relação íntima que não seja amorosa ou familiar.

As amizades possuem ciclos no desenvolvimento, e como Souza (2006) mencionou, mudam conforme se passam os ciclos vitais e não necessariamente se alteram; com muitas pessoas as amizades podem permanecer pela vida inteira, porém são modificados os interesses, as preocupações, e talvez até mesmo a configuração desta amizade, passando de uma simples companhia de brincadeiras quando da infância, para uma companhia para atividades familiares, trabalho ou compartilhamento de momento festivos, desabafos, entre outros.

Já as relações amorosas tomam um outro caminho importante na vida do ser adulto, como aponta uma pesquisa realizada por Chaves (2010), discutiu-se a percepção dos jovens sobre as relações amorosas na atualidade: há aqueles que veem os relacionamentos como algo necessário e benéfico, assim como há os que percebem o campo amoroso como desordenado, instável, inseguro e frágil. Isso pode ocorrer pela forma com que os desafios da relação influenciam na longevidade conjugal, que passa por diversas transformações ao longo do tempo, sendo necessário perceber sentimentos de desrespeito, intolerância, e desconfiança que podem influenciar negativamente nas relações.

Ao tentar compreender as dificuldades de relacionar-se na vida adulta, Sarrapio e Silva (2010) relacionam seus estudos às evidencias da teoria do apego de John Bolwby e constatam que o comportamento de apego se estende da infância até a vida adulta, porém com mudança no objeto de apego; ou seja, para a criança, o maior vínculo de apego seria a mãe e os outros integrantes da família, mas para o adulto, este vínculo pode ser outra pessoa que forneça para ele a sensação de segurança necessária no relacionamento.

Deste modo, as relações amorosas, da mesma forma que as demais mencionadas, contribuem para o desenvolvimento do ser humano, a compreensão de sua identidade, de seus desejos e de suas angústias. Especificamente na vida adulta, elas trazem grande valor para a compreensão dos aspectos que envolvem essa etapa da vida e podem contribuir para uma conexão segura e uma sensação de compartilhamento importante para as demais dificuldades que acarretam o ciclo de vida.

7. RELAÇÕES DE TRABALHO E HABILIDADES SOCIAIS

O trabalho, no decorrer da história do ser humano, ocupou um papel importante tanto para a sobrevivência quanto para a ocupação do homem. Segundo Monteiro (2014, p. 1), "o trabalho ocupa lugar central na vida cotidiana, é centro de preocupações e investimentos individuais e coletivos; é fonte de renda, estrutura o nosso calendário, é mecanismo de integração social"; deste modo, jovens adultos ao se inserirem nas universidades e/ou entrarem no mercado de trabalho podem ter diferentes objetivos; podem entrar em tempos diferentes de acordo com as condições socioeconômicas e a rede de apoio que possam ter. As relações interpessoais e o uso de habilidades sociais são importantes em tudo que envolve a inserção laboral.

Monteiro (2014) ressalta ainda que o trabalho também possui um papel importante na construção de identidade do sujeito, já que o ser adulto é quase que automaticamente associado à sua ocupação profissional na sociedade, como nos casos de telejornais, em que o entrevistado é mencionado juntamente com a sua profissão, ainda que ela não tenha relevância para a reportagem, ou em formulários de cadastro em que se pede uma ocupação, mesmo que ela não exista. Essa demarcação demonstra uma sociedade de cunho capitalista, que se preocupa em associar o sujeito a um trabalho em um sentido informativo, como para garantir serviços.

Entendendo a importância e a necessidade da interação social no ambiente de trabalho, Dutra-Thomé *et al.* (2018) mencionam a importância das habilidades sociais neste processo, que pode contribuir positivamente para a inserção dos jovens adultos em sociedade, tanto nas relações pessoais quanto profissionais.

Os autores ressaltam ainda que as habilidades sociais podem ser aprendidas e modificadas durante a vida, porém se fazem frequentes para os adultos, pois estão associadas a fatores importantes para a satisfação do jovem e contribuem para o desenvolvimento de autoestima e confiança no estabelecimento de vínculos, e a falta dessas habilidades na comunicação social pode acarretar em dificuldades em diversas situações como falar em público, ansiedade em entrevistas de emprego, e adequação em lidar com superiores, e podendo estar associada também a quadros psicopatológicos como depressão e ideação suicida.

Contudo, Ferreira *et al.* (2001) contribuem com a reflexão de que as relações de trabalho também são construídas coletivamente, num espaço em que haja o comprometimento dos envolvidos, possibilitando a construção de uma identidade que inclua a força do grupo e possibilite uma boa interação interpessoal; essa interação se faz importante não apenas para o desenvolvimento dos integrantes da empresa, mas também para a própria empresa, pois pessoas

com relacionamentos saudáveis facilitam o trabalho em grupo e a coesão nos objetivos do trabalho. Em vista de todos os aspectos que envolvem o processo de tornar-se adulto na contemporaneidade, há a necessidade de se investigar mais a fundo as fragilidades e dificuldades que permeiam esse momento.

8. AS FRAGILIDADES E OS MODELOS DE ENFRENTAMENTO NA VIDA ADULTA

Entendendo o percurso do jovem adulto ao entrar neste ciclo de vida, pode-se considerar este período não apenas um marco no desenvolvimento como também uma estrutura sólida de acontecimentos que podem demarcá-lo, passando por transformações, positivas e negativas, que mudam o modo de vida da pessoa e por fragilidades que afetam o seu bem-estar.

Estes fatores podem estar associados às dificuldades como a de estabelecer laços afetivos saudáveis com a família, amigos, relações amorosas e o trabalho. O modo como o jovem irá lidar com fatores estressores, como conflitos nos relacionamentos e dificuldades econômicas, dentre outros, afetará seu desenvolvimento emocional e físico, e em alguns casos, pode criar um quadro adoecedor, como depressão e ansiedade.

O Brasil, apesar de ser um país em desenvolvimento, enfrenta desigualdades sociais, culturais e econômicas que dificultam o desenvolvimento desses jovens e limitam suas possibilidades de escolha futura; muitas vezes, as escolhas precisam atender à necessidade de obter dinheiro para o sustento da família, mais que estudo ou escolha profissional; isso ocorre de maneira mais significativa no Nordeste do país; Dutra-Thomé *et al.* (2018) identificaram condições mais precárias de acesso à educação destes jovens, em comparação com os do Sudeste do país, o que ocorre pela falta de recursos governamentais que possibilitem o acesso à educação; com isso, eles precisam atentar-se ao trabalho desde muito cedo, impossibilitado a chamada “adultez emergente”.

Segundo dados da OMS (2021), em um estudo mundial realizado em 2019, constatou- se que só naquele ano houve mais de 700 mil mortes por suicídio em todo o mundo, o que equivale a uma morte a cada 100 mil por outras causas. O suicídio foi a quarta causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, ficando atrás apenas de mortes por acidente de trânsito, tuberculose e violência interpessoal (morte por outra pessoa).

Já no Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde (Brasil, 2021a), a faixa etária com maior incidência de morte por suicídio entre 2010 e 2019 foi de jovens entre 20 e 39 anos de idade. A incidência de consumação de suicídios é consideravelmente maior no sexo masculino em relação as mulheres, que possuem maior incidência em tentativas de suicídio.

Dentre os meios de agressão no Brasil, os principais registrados são: envenenamento, objeto cortante e enforcamento; a residência e a escola foram os principais locais de ocorrência.

Por meio da revisão da literatura, observa-se que a incidência de mortes de jovens adultos por autoagressão é, apesar de variante, alta em todo o mundo. O que leva a uma questão a ser discutida, não apenas por políticas públicas, mas pela sociedade, acerca do motivo desses dados. Afinal, por que os jovens passam por tantas dificuldades nesse momento de suas vidas? E por que esses jovens não estão tendo o apoio familiar/social/governamental para que possam se desenvolver e passar por este ciclo de uma forma saudável? Em busca de responder tais indagações, Schlosser *et al.* (2014, p. 134) afirmam que o ato de dar fim a própria vida "é um fenômeno multicausal, pois envolvem fatores ambientais, psicológicos, culturais, biológicos, e políticos, tudo englobado na existência do indivíduo".

Uma discussão importante se faz presente sobre a maior incidência de consumação do ato de suicídio no sexo masculino. Muito se fala nos tempos de hoje sobre os papéis de gênero. O homem possui um papel na sociedade que, dentre outras características, impõe um silenciamento de suas emoções, fruto de um tabu presente na contemporaneidade em relação à saúde mental desse gênero. Já com relação às mulheres, que possuem maior incidência de tentativas de suicídio, demonstra-se um processo de adoecimento mais longo, e que ocorre de forma gradual. Segundo Meira *et al*. (2021), isso pode estar relacionado à depressão, privação social, perda de filhos ou cônjuge, violência doméstica, ansiedade e outras possíveis causas associadas ao seu contexto e história de vida.

Fukumitsu (2018) ressalta que falar sobre a morte em si ainda se configura como um tabu. Apesar de hoje já existirem estudos e projetos que visam à prevenção do suicídio, ainda pouco se fala sobre a conscientização, a prevenção e a posvenção ao ato, ou sobre medidas que possam evitá-lo, como o processo terapêutico e a preparação de agentes de saúde acerca do assunto.

Em um autorrelato, a autora exemplifica "Nunca mais seremos os mesmos depois de uma tentativa de suicídio de quem amamos ou depois de o fato ter sido consumado, a cada tentativa dela (sua mãe), eu, com 10 anos de idade, morria junto" (FUKUMITSU, 2018, p. 218). A autora, que hoje é uma psicóloga especializada em suicidologia, promove com o seu trabalho medidas que incentivem atenção básica a essas pessoas, tanto às que tentam, quanto àquelas que vivem a sua volta e convivem com isso. Nesse intuito, a OMS lançou um guia informativo "Live Life" para apoiar a prevenção ao suicídio:

> Entre as estratégias propostas, destacam-se: A proibição dos pesticidas mais perigosos e restrição ao acesso a armas de fogo, redução do tamanho das embalagens de medicamentos e instalação de barreiras noslocais de risco de suicídio. 1-Adoção de estratégias responsáveis de comunicação, evitando matérias sobre o suicídio que descrevam a ação e que possam levar à imitação. 2- A recomendação é que a imprensa neutralize relatos de suicídio, enfatizando histórias de recuperação bem-sucedidas e trabalhe com abordagens de conscientização e remoção de conteúdo prejudicial. O guia ressalta a importância de capacitar os profissionais de saúde para identificar, avaliar e realizar o acompanhamento precoce das pessoas em risco,e destaca que os serviços de emergência também devem fornecer apoio imediato às pessoas em situação crítica. (OMS, 2021 *apud* Brasil, 2021a, p. 8).

Ao perceber que o sentido da vida é algo atingível, à medida que se encara como algo transitório, é possível dar sentido a existência, e deste modo, dar a ela uma resposta pode significar um recomeço para pessoas que ainda não encontraram ou que perderam no decorrer de suas vidas, o “porquê de viver”. Fukumitsu usa o termo “extrair flor de pedras” para ilustrar que mesmo pessoas que tenham sido “demolidas e fragmentadas” existencialmente podem extrair de um aparente “nada” algo primoroso, belo e imbuído de vida (Fukumitsu, 2018). Sendo assim, promover ações para que esses jovens possam se perceber como tal inclui também perceber que a juventude não é o futuro, a juventude é o presente. Entender isso pode ser um começo para que mais jovens se identifiquem com essa trajetória. Para que a cultura, a família e a sociedade também percebam a potência dos jovens no agora, e que entendam o amadurecimento como um processo que precisa ser respeitado, acolhido e ouvido como em qualquer momento da vida.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação do ser adulto não tem um marco específico na sociedade e pode levar a atitudes extremas como o suicídio. O objetivo deste trabalho é entender as dificuldades e marcos que definem a fase adulta na sociedade atual. A revisão da literatura revelou que há poucos conteúdos específicos sobre a vida adulta e que a maioria dos estudos são estrangeiros, com destaque para Jeffrey Arnett e sua ideia de "adultez emergente".

A transição para a vida adulta envolve fatores cognitivos e ambientais, bem como a influência do comportamento do jovem adulto e mudanças físicas, cognitivas e psicológicas. As relações familiares e de amizade têm um papel central no desenvolvimento social do jovem, enquanto as relações amorosas são importantes para o estabelecimento de laços afetivos duradouros. O trabalho não é apenas uma fonte de sustento, mas também um processo de crescimento que influencia a construção da identidade

social. O desenvolvimento de habilidades sociais e coletivas é importante para melhorar as oportunidades de trabalho e as relações interpessoais dentro e fora do ambiente organizacional.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Fleksman. Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora, 1981

ATLAS DAS JUVENTUDES. **Evidências para a transformação das juventudes**. [s.l.]: 2021. Disponível em <https://atlasdasjuventudes.com.br/relatorio/>. Acesso em 27 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em 27nov. 2021

CHAVES, J. C. **As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, 2010, v. 16, n. 1, p. 28-46. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n1/v16n1a04.pdf)> Acesso em 27 nov. 2021.

DUTRA-THOMÉ, L.; PEREIRA, A. S.; NUÑEZ, S.; KOLLER, S. H. **Adultez emergente noBrasil: Uma nova perspectiva desenvolvimental para a vida adulta.** São Paulo: Vetor, 2018.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidadecom a conjugalidade**. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.11, n.2, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WGzgV8McnFxCvXdy3wndy4F/?lang=pt> Acesso em 27nov. 2021.

FERREIRA, W. F.; IMAI, R. Y.; RODRIGUES, R. R. J. **Um espaço para o desenvolvimentointerpessoal no trabalho.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 6, n. 2, p. 123-127, 2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pe/a/jdzycDG3k8GRvHNjJgN89RP/?lang=pt&format=pdf >.Acesso em 27 nov. 2021.

FUKUMITSU, K. O. (org.). **Vida, morte e luto: Atualidades Brasileiras.** São Paulo: SummusEditorial, 2018.

HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro adolescente:** a neurociência da transformação dacriança em adulto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

JUNG, C. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Porto Alegre: Vozes, 1981.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **O desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre:Artmed, 2013.

PAULO, B. M. **Novas configurações familiares e seus vínculos sócio-afetivos**. 2006, 60 f.Tese (Mestrado em Psicologia) – PUC do Rio de Janeiro. Disponível em:<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=8122@1> Acesso em 27 nov. 2021.

PONCIANO, E. L. T.; FÉRES-CARNEIRO, T. **Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2014, p. 388-397. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/prc/a/RSNcDyQny5pYCDgCW6CRGzx/abstract/?lang=pt>.

SOUZA, L. K. **Amizade em adultos: adaptação e validação dos questionários mcgill e umestudo de diferenças de gênero**. 2006, 102f. Tese (Doutorado em Psicologia) - UFRG, 2006. Disponível em:<https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_e280c6df160b402bc7b539a258a1385d>

SOUSA, D. A.; CERQUEIRA-SANTOS, E. **Redes sociais e relacionamentos de amizade aolongo do ciclo vital.** Revista Psicopedagogia, São Paulo, 2011, v. 28, n. 85, p. 53-66.Disponível em <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/180/redes-sociais-e-relacionamentos-de-amizade-ao-longo-do-ciclo-vital>. Acesso em 27 nov. 2021.

SCHLÖSSER, A., ROSA, G. F. C., MORE, C. L. O. O**. Revisão: Comportamento Suicida aoLongo do Ciclo Vital.** Temas em Psicologia, 2014, Vol. 22, n.133, p. 1-145. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100011> Acesso em 27 nov. 2021.

TESTONI, M. **Adultos que moram com os pais podem ficar preguiçosos, medrosos e submissos. Viva Bem**, 8 mar. 2021. Disponível em <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/03/08/adultos-que-moram-com-os- pais-podem-ficar-preguicosos-medrosos-e-submissos.htm> Acesso em 27 nov. 2021.

SARRAPIO, F. P.; SILVA, I. S. **Teoria do apego em relacionamentos amorosos na faseadulta**. Três Corações: Unincor, 2010. Disponível em <https://www.repositorio.unincor.br/download/1591/pdf/1591.pdf> Acesso em 27 nov. 2021.

VERISSÍMO, R. **Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson).** Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002. Disponível em:<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9133>. Acesso em 27 nov. 2021.

SCHLÖSSER, A., ROSA, G. F. C., MORE, C. L. O. O. **Revisão: Comportamento Suicida aoLongo do Ciclo Vital.** Temas em Psicologia, 2014, Vol. 22, n.133, p. 1-145. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100011> Acesso em 27 nov. 2021.